

**A ESCRAVA ISAURA, DE BERNARDO GUIMARÃES
– ADAPTAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA
EM HISTÓRIA EM QUADRINHOS:
UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Mauren Vanessa Lourenço Souto (UEMS)

maurensouto@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

As habilidades de leitura e escrita são fundamentais para o desenvolvimento sócio discursivo dos indivíduos em todas as áreas da vida, é através dessas práticas que os indivíduos se inserem na sociedade em que vivem. Os gêneros textuais definem-se principalmente por sua função social. São textos que se realizam por alguma razão determinada em um determinado contexto para promover uma interação específica (MARCUSCHI, 2008). Dentro desta perspectiva, conseguir que os alunos leiam os clássicos literários dentro ou fora da sala de aula é muito difícil, pois como o crítico de música americano Alex Ross escreveu em seu livro *Escuta Só* (Cia. das Letras), nada pode ser pior para uma obra clássica do que ter esse rótulo, uma vez que, "clássico", de acordo com o crítico, "quase sempre lembra coisas velhas e cansativas, afastando o público em potencial". A linguagem dos quadrinhos, geralmente, é determinada pelas características do público-alvo: simples, direta e apropriada. Isso faz com que as adaptações dos clássicos literários feitas para os quadrinhos se encaixem perfeitamente no âmbito escolar. Assim, este trabalho, apresentará uma sequência didática que tem o intuito de apresentar a alunos de sétimo ano a obra *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães, adaptada para os quadrinhos. Será desenvolvido com alunos do 7º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Mendes Gonçalves (EEMG), situada na cidade de Ponta Porã – MS, analisando a adaptação e a obra clássica, demonstrando, na prática, o que a teoria já vem afirmando, que a utilização das adaptações dos clássicos literários em sala de aula serve e muito, para despertar, nos alunos, o gosto pela leitura destas obras, pois a meta não é substituir a leitura de um clássico, mas sim, chamar o aluno para ler a releitura em quadrinhos e posteriormente para ler a obra em sua íntegra.

Palavras-chave: *A Escrava Isaura*. Bernardo Guimarães. Histórias em quadrinhos.

1. Introdução

As habilidades de leitura e escrita são fundamentais para o desenvolvimento sociodiscursivo dos indivíduos em todas as áreas da vida, é através dessas práticas que os indivíduos se inserem na sociedade em que vivem.

Os gêneros textuais definem-se principalmente por sua função so-

cial. São textos que se realizam por uma (ou mais de uma) *razão determinada* em uma *situação comunicativa* (um contexto) para promover uma *interação específica*. Trata-se de unidades definidas por seus conteúdos, suas propriedades funcionais, estilo e composição organizados em razão do objetivo que cumprem na situação comunicativa (MARCUSCHI, 2008).

Pesquisas acadêmicas comprovam a importância que as histórias em quadrinhos exercem nas atividades cognitivas dos alunos. Mostram que aliar diversão à transmissão de informações torna o ambiente escolar mais prazeroso e as histórias em quadrinhos como recurso didático estimulam o processo ensino-aprendizagem.

No entanto, uma outra dificuldade perene nas salas de aula é conseguir que os alunos leiam os clássicos literários, pois como o crítico de música americano Alex Ross escreveu em seu livro *Escuta Só* (Cia. das Letras), nada pode ser pior para uma obra clássica do que ter esse rótulo. “Clássico”, disse ele, “quase sempre lembra coisas velhas e cansativas, afastando o público em potencial”. Para muitos jovens é isso que a palavra significa, principalmente quando ligada à literatura. E piora quando, obrigados pela escola, esses jovens têm de dividir a atenção que dão a jogos, à TV e à internet com romances escritos há cem anos ou mais.

Pensando nisto e parafraseando Barroso (2013, p. 13), nota-se que as histórias em quadrinhos utilizam uma linguagem que pode conter uma imensa gama de simbologia, ditada pela arte, pelo ritmo, pela estrutura narrativa, pela temática e por suas especificidades muito particulares, principalmente a forma como se dá o relacionamento entre autor e leitor, de maneira que este último deixa de ser coadjuvante e passa a ser coautor, de forma muito mais decisiva e participativa do que em outras manifestações artísticas.

Barroso (*idem, ibidem*) continua:

Digamos que os quadrinhos maximizam uma característica já muito presente em Machado de Assis, com suas frequentes “interpelações ao leitor”, lançando hipóteses, dúvidas, premissas. Se Machado as faz com relativa frequência, os quadrinhos utilizam-se delas como regra. O que se mostra relevante, no entanto, é a utilização de uma mesma estratégia de comunicação entre leitor e autor (BARROSO, 2013, p. 13).

A linguagem dos quadrinhos, geralmente, é determinada pelas características do público-alvo: simples, direta e apropriada. Tem marcas de oralidade e registro informal, feito através de gírias, reduções vocabu-

lares, expressões idiomáticas, contrações, interjeições, onomatopéias, com frases cheias de pontos de exclamação e interrogação, tudo com o intuito de reproduzir graficamente a entonação dos diálogos informais (VIEIRA, 2013, *apud* GOMES & RODRIGUES, p. 260).

Isso faz com que as adaptações dos clássicos literários feitas para os quadrinhos se encaixem perfeitamente no âmbito escolar, pois conforme Waltrick, editor de quadrinhos, "ao tratar o clássico com uma outra linguagem você não está reduzindo a obra, e, sim, ampliando a experiência da leitura dela".

As adaptações dos clássicos da literatura para as histórias em quadrinhos tornaram a leitura de obras nem sempre agradáveis ou atrativas para as crianças e jovens em algo prazeroso e divertido.

Assim, para este trabalho, organizamos uma sequência didática que tem o intuito de apresentar a alunos de sétimo ano obras clássicas adaptadas em histórias em quadrinhos que existam no acervo da escola em que a pesquisa será realizada. Será desenvolvido com alunos do 7º ano A, B e C do ensino fundamental da Escola Estadual Mendes Gonçalves (EEMG), sita à rua Tiradentes, 186, Centro, Ponta Porã – MS, turmas nas quais a acadêmica/pesquisadora ministra aulas de língua portuguesa.

Desta maneira, este projeto tem o intuito de demonstrar, na prática o que a teoria já vem afirmando, que a utilização das adaptações dos clássicos literários em sala de aula serve e muito, para despertar, nos alunos, o gosto pela leitura destas obras, pois a meta não é substituir a leitura de um clássico, mas sim, chamar o aluno para ler a releitura em quadrinhos e posteriormente para ler a obra em sua íntegra.

2. Gêneros textuais

Estudar gêneros textuais não é algo novo, pois Platão já falava sobre este assunto. A distinção entre os estudos de Platão e os de hoje é a visão que se tem sobre o tema (MARCUSCHI, 2008).

Na tradição ocidental, a expressão *gênero* era atrelada aos estudos literários apenas, atualmente esta noção já não está mais vinculada apenas a esta área de estudo. De acordo com Swales (1990 *apud* MARCUSCHI, 2008), "hoje, gênero é facilmente usado para referir uma categoria distintiva de discurso de qualquer tipo, falado ou escrito, com ou sem aspirações literárias".

Os gêneros textuais definem-se principalmente por sua função social. São textos que se realizam por uma (ou mais de uma) *razão determinada* em uma *situação comunicativa* (um contexto) para promover uma *interação específica*. Trata-se de unidades definidas por seus conteúdos, suas propriedades funcionais, estilo e composição organizados em razão do objetivo que cumprem na situação comunicativa (MARCUSCHI, 2008).

Os estudos de Bazerman (2005) confirmam que os mais diversos aspectos relativos aos gêneros em seu funcionamento e a noção de *fato social*, bem como outros conceitos básicos para o tratamento dos gêneros.

Os gêneros se valem das trocas mais prosaicas do cotidiano, nos bilhetes registrados e colados nas geladeiras, passando pelas mensagens eletrônicas, entrevistas (orais e escritas), bulas de remédio, orações, cordéis, dissertações, romances, histórias em quadrinhos, piadas etc. Uma das principais características dos gêneros é o fato de serem enunciados que apresentam relativa estabilidade. É esse aspecto que permite, justamente, com que sejam compreendidos.

O trabalho com texto em sala de aula é o ponto de partida e o de chegada para todas as atividades escolares (GERALDI, 2003, *apud* MARTINS, 2006). O ensino-aprendizagem passou a ter como centro dos estudos os gêneros textuais.

Desta maneira, trabalhar com histórias em quadrinhos em sala de aula é fundamental, pois além de tratar-se de um gênero textual, é também o tipo de texto que atrai o leitor, principalmente o leitor mais jovem, despertando nos alunos o gosto pela leitura.

3. *Histórias em quadrinhos e sala de aula*

As histórias em quadrinhos representam um meio de comunicação de massa de grande penetração popular, principalmente nos dias de hoje. Mesmo com o aparecimento de outros meios de comunicação e a concorrência abundante o público leitor e número de fãs aumentam a cada dia (RAMA & VERGUEIRO, 2005, p. 07).

Por muito tempo as histórias em quadrinhos foram consideradas um tipo de texto prejudicial ao desenvolvimento cognitivo e leitor de crianças e jovens, havendo, inclusive, na década de 50 do século XX, mo-

vimentos anti-HQ. No entanto, estes não alcançaram o intento de extinguir as histórias em quadrinhos dos meios de comunicação, principalmente, porque, de maneira geral, de acordo com Rama & Vergueiro (2005, p. 08) os adultos tinham dificuldade para acreditar que as histórias em quadrinhos pudessem contribuir para o aprimoramento cultural e moral de seus jovens leitores.

De acordo com Monfardini, Grazinoli e Ferreira (2012, p. 06) depois de perceberem que os quadrinhos eram ferramentas bastante eficientes para a transmissão de conteúdos pedagógico-curriculares, os Estados Unidos foram os pioneiros na criação de histórias em quadrinhos de caráter educacional, com a criação, por exemplo, das revistas *True Comics*, *Real Life*, *Picture Stories from American History* entre outras, editadas durante a década de 1940, que traziam histórias sobre os alguns personagens famosos da história e da literatura; publicações que tentavam aproximar, cada vez mais, os quadrinhos das grandes obras literárias, e, conseqüentemente, cada vez mais aceitas nos âmbitos escolares.

Utilizar as histórias em quadrinhos em sala de aula era uma forma de trabalhar temas escolares de maneira lúdica, um modo de possibilitar um ensino-aprendizagem mais agradável e muito mais significativo aos leitores/alunos.

Assim, com o aumento do interesse educacional pelas histórias em quadrinhos, o mercado editorial passou a investir mais especificamente em histórias em quadrinhos com enredos voltados para a transmissão de conteúdos escolares.

Outros editores, constatando o sucesso comercial desse tipo de publicação, também se aventuraram na mesma linha, com maior ou menor sucesso, ajudando a firmar, perante o público, o entendimento de que as histórias em quadrinhos podiam ser utilizadas para a transmissão de conteúdos escolares, com resultados bastante satisfatórios (RAMA & VERGUEIRO, 2005, p. 19).

Ao fazer uso das histórias em quadrinhos em sala de aula, as crianças e adolescentes seguem a história do começo ao final, conseguem compreender seu enredo, os personagens existentes e noção de tempo e espaço sem a necessidade de recorrer a palavras sofisticadas e a grandes habilidades de interpretação, pois nas histórias em quadrinhos, as imagens dão apoio e pistas contextuais que auxiliam o educando a fazer as inferências necessárias à interpretação correta do texto.

Depois que as histórias em quadrinhos passaram a ser reconhecidas como legítimas produções artísticas e culturais, ficou mais fácil rein-

trouzer a discussão sobre o uso pedagógico da linguagem sequencial das histórias em quadrinhos nas escolas. Assim, a partir de ilustrações nos livros didáticos, aos poucos as histórias em quadrinhos começaram a desmistificar e conquistar o contexto escolar enquanto proposta pedagógica, chegando aos dias atuais com grande força e previstas nos *Parâmetros Curriculares Nacionais*, tendo, inclusive sua leitura recomendada pelo Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) (VERGUEIRO & RAMOS, 2009, p. 7).

4. A adaptação dos clássicos em história em quadrinhos

O que dizer dos textos clássicos? Por que devemos lê-los? Em que eles diferem dos demais textos? Conforme Marques (2013, p. 11),

[...] bem lido, o texto clássico tem o poder (talvez secreto?) de entranhar inquietações na alma do leitor, sobretudo quando tematizam problemas e situações que, no limite, preocupam-se – a todo o momento – em lembrar ao ser humano que este não pode se esquecer de sua própria humanidade.

No entanto, como o referido autor diz, a leitura de um clássico pode apresentar dificuldades, pois a própria palavra “clássico” já cria no leitor – principalmente no leitor/aluno certo medo e constrangimento, uma vez que ele já pressupõe que não compreenderá o que será lido ou então, que não gostará do texto ou obra por esta utilizar-se de linguagem rebuscada, distante da que ele utiliza em seu meio.

Reis ([2014]) diz que “os livros clássicos costumam exigir uma leitura mais atenta, além de poder conter uma linguagem datada e situações históricas. Fazer com que crianças e adolescentes se interessem por eles não é tarefa fácil”.

Como então conseguir que os alunos criem este gosto pela leitura dos clássicos literários? Talvez a solução seja iniciá-los na leitura dos clássicos através das adaptações em histórias em quadrinhos, uma vez que utilizar adaptações poderia ser uma solução, defendida por alguns e questionada por outros.

Fabricio Waltrick (*apud* QUEIROZ, [2012]), editor de quadrinhos, acha que “ao tratar o clássico com uma outra linguagem você não está reduzindo a obra, e, sim, ampliando a experiência da leitura dela”. E continua dizendo que “a meta não é substituir: é reler e chamar para ler. Tem de haver perfeita harmonia entre quem faz o texto e quem faz a arte”.

Parafraseando Souza & Gomes (2013), tendo em vista a necessidade de despertar no aluno a autonomia nos estudos de língua portuguesa e na maneira de organizar os enunciados, a utilização das histórias em quadrinhos em sala de aula abre um leque de oportunidades de protagonismo no ambiente escolar.

Segundo esses estudiosos, o uso das adaptações de clássicos da literatura para os quadrinhos direcionam o ato da leitura – “Histórias em quadrinhos baseadas em obras literárias concretizam no papel uma leitura já feita e por isso direciona o ato da leitura”. Sobre o assunto, dizem ainda:

O uso das adaptações de clássico da literatura para os quadrinhos deve ser feito com cuidado. Diversos são os textos adaptados, mas é preciso um olhar atento, bem como o conhecimento aprofundado da obra que originou a histórias em quadrinhos, o que ocasionará um trabalho de qualidade em sala de aula. Essas adaptações auxiliam no papel do professor em estimular os discentes no gosto pela leitura (SOUZA & GOMES, 2013).

Uma das vantagens das adaptações dos clássicos é que a utilização da imagem pode ser trabalhada para traçar mais claramente os caminhos da história. Elydio dos Santos Neto (*apud* SOUZA & GOMES, 2013) afirma que “a leitura dos quadrinhos favorece um desenvolvimento mais harmonioso entre as tarefas de analisar racionalmente e o trabalho de ler o mundo com sensibilidade”.

Com isso, o que se quer dizer, é que a leitura dos clássicos não podem se ater apenas à leitura de sua adaptação. O que deve acontecer é uma preparação do aluno por parte do professor, ou seja, a utilização das adaptações devem servir como porta de entrada e estímulo para a leitura da obra completa, do clássico em si.

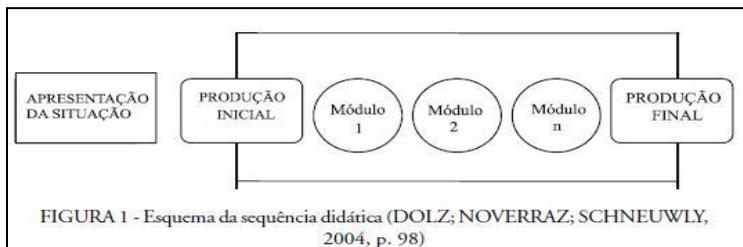
5. Sequência didática

De acordo com Dolz, Noverraz & Schneuwilly (2004), uma “sequência didática” é “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Continuam, dizendo que os gêneros são tidos como instrumentos comunicativos que servem para realizar atividades formais e informais de maneira adequada.

Desta maneira, trabalhar com sequências didáticas em sala de aula é uma maneira de proporcionar aos alunos uma forma de realizar todas as

tarefas e etapas para a produção de um gênero (MARCUSCHI, 2008, p. 214). Segundo Dolz, Noverraz & Schneuwly (2004), a “estrutura de base de uma sequência didática” pode ser representada esquematicamente, levando-se em conta todas as etapas a serem desenvolvidas no processo de produção de algum gênero textual.

5.1. Esquema da sequência didática



Assim, para este trabalho, organizamos uma sequência didática que tem o intuito de apresentar a alunos de sétimo ano obras clássicas adaptadas em histórias em quadrinhos que existam no acervo da escola EEMG, da cidade de Ponta Porã, MS, instituição onde será realizada a pesquisa.

5.2. Sequência didática

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

TURMA: 7º ANO A, B e C

TEMA/CONTEÚDO: Adaptações de clássicos da literatura em história em quadrinhos – leitura, análise e produção de texto em histórias em quadrinhos da obra *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães.

DURAÇÃO: 10 aulas (não consecutivas)

5.3. Objetivos

- apresentar os clássicos da literatura, despertando o interesse pela leitura e pelos clássicos literários;
- conhecer os clássicos da literatura adaptados em histórias em

quadrinhos que existem na escola;

- identificar os gêneros “história em quadrinhos” e “literário”;
- ler e fazer a análise comparativa da obra *A escrava Isaura*, adaptada em histórias em quadrinhos, e o clássico de Bernardo Guimarães;
- produzir um texto com suas impressões sobre as duas obras lidas – a adaptação em histórias em quadrinhos e a obra clássica;
- escrever uma versão da obra na forma de um roteiro para a produção de uma história em quadrinhos;
- produzir uma história em quadrinhos e postar no blog da escola.

5.4. Metodologia da sequência didática

1ª AULA

A professora fará a apresentação do projeto de leitura a ser desenvolvido nas turmas, expondo as fases do mesmo e explicando o que é uma adaptação de obra clássica em história em quadrinho e as diferenças que existem entre esta e a obra clássica em si. Em seguida, apresentará a obra *A Escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães e mostrará sua versão em histórias em quadrinhos. Combinará com os alunos que a obra em histórias em quadrinhos será lida em sala de aula, durante as aulas de leitura semanal e a obra clássica será lida como tarefa de casa e que cada aluno deverá adquirir um exemplar da obra.

2ª E 3ª AULAS

Nestas aulas será feita a leitura da obra adaptada e escaneada pela professora, já que não existem exemplares suficientes para todos utilizarem em sala de aula. A leitura será feita em voz alta e de forma colaborativa. Quando necessário, a professora fará intervenção, explicando algo que tenha gerado dúvida. Se o tempo de duas aulas não for suficiente para a realização da leitura da obra integralmente, será utilizada mais uma aula o tempo necessário para o término da leitura da mesma.

4ª AULA

Na quarta aula, a professora fará a discussão das versões da obra lida – em histórias em quadrinhos e a obra clássica. A discussão será feita oralmente, e cada aluno que se sinta à vontade para falar poderá expor sua opinião acerca das versões da obra. Oportunamente, a professora instigará os educandos com questões pertinentes sobre o assunto e que fomentem a discussão e a exposição das opiniões. No final da aula, será solicitado aos alunos que produzam um texto com suas impressões acerca das duas versões lidas. Se não houver tempo hábil para a produção do texto em sala de aula, os alunos poderão fazer como dever de casa e entregar na próxima aula da disciplina.

5ª AULA

Os alunos entregarão os textos produzidos para a professora. Esta solicitará que eles se dividam em trios para a produção e entrega de um roteiro da obra lida que será transformada em uma história em quadrinho.

6ª, 7ª E 8ª AULAS

Após lidos e corrigidos os roteiros das histórias em quadrinhos, a professora os entregará aos respectivos trios para que façam as correções necessárias. Em seguida, a turma toda se dirigirá à sala de tecnologias (STE) para montar as ilustrações das histórias em quadrinhos criadas por eles. As historinhas serão montadas no programa “Hqonline.Com”. Durante as três aulas programadas para a montagem das histórias em quadrinhos, a professora estará à disposição dos alunos na sala de tecnologias para sanar dúvidas e fazer as correções necessárias dos trabalhos. Os alunos salvarão suas produções em pastas específicas nos computadores da sala de tecnologias.

9ª AULA

Após a professora corrigir individualmente as histórias em quadrinhos criadas, na sala de tecnologias, os alunos farão os ajustes necessários nas montagens e salvarão os trabalhos numa pasta compartilhada por todos.

10ª AULA

Nesta aula, os alunos voltarão à sala de tecnologias para postarem suas histórias em quadrinhos no blog da escola e registrarem suas opiniões sobre o projeto elaborado.

RECURSOS

Exemplares da obra *A Escrava Isaura*, exemplar em histórias em quadrinhos da mesma obra, *scanner*, *datashow*, *giz*, quadro negro, apagador, lápis, borracha, caneta, caderno, computador, internet, blog da escola.

AVALIAÇÃO

Os alunos serão avaliados de acordo com sua participação em cada etapa do trabalho – leitura e discussão da obra (individual): 2.0 pontos; - produção do roteiro (trio): 2.0 pontos; – montagem da história em quadrinhos e postagem no blog (trio): 6.0 pontos.

6. Conclusão

O trabalho com esta sequência didática ainda não está concluído. A primeira parte do processo – a exposição do projeto e a leitura da obra em histórias em quadrinhos – já foi feita. A próxima etapa será a discussão com os alunos sobre as impressões pessoais e coletivas sobre as duas obras, a adaptação em histórias em quadrinhos e a obra clássica lida por eles em casa. Em seguida, serão realizadas as outras etapas do projeto.

Até o momento, percebemos que os alunos gostaram da leitura da obra adaptada, que conseguiram entender perfeitamente toda a história e se manifestaram acerca do enredo. Mesmo antes do momento em que todos terão a oportunidade de expor suas ideias, muitos alunos já expressaram sua indignação com relação à situação da personagem principal – Isaura, sobre sua condição humana, direitos e deveres de cada um em sociedade. Vários alunos também se sentiram revoltados em relação à insistência do personagem Leôncio em ter um relacionamento com a escrava e refletiram que este deveria ser um comportamento comum na época em que a escravidão era aceita.

Pudemos perceber que o projeto terá êxito, pois os alunos estão se sentindo empolgados com a sua realização e já antecipam algumas fases dos mesmo, criando os enredos das suas próprias histórias em quadrinhos, antes mesmo do momento da discussão sobre as duas obras, antes da comparação entre elas.

Um ponto relevante para o sucesso do projeto é o fato de os alunos perceberem que aquilo que eles comentarão ou produzirão terá uma finalidade definida e maior que apenas a correção da atividade pelo professor, que as histórias criadas por eles terão uma utilidade, pois elas serão publicadas no blog da escola, terão uma visualização grande, já que o blog é muito acessado pela comunidade escolar.

Esperamos que este projeto sirva de “abre-alas” para que outras adaptações de clássicos literários sejam lidas pelos alunos, mas não só as obras adaptadas, esperamos que os alunos adquiram o hábito e desenvolvam o gosto pela leitura das obras clássicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOLZ, J.; NOVERRAZ, N. e SCHNEUWLY, B. *Sequências didáticas para o oral e a escrita*: apresentação de um procedimento. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

GUIMARÃES, Edgard. *Uma caracterização ampla para a história em quadrinhos e seus limites com outras formas de expressão*. Disponível em: <<http://klicarte.no.sapo.pt/historiaeartes.pdf>>. Acesso em 09-10-2014.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MARQUES, Wilton José. Por que ler os clássicos? In: BORGES, Renata Farhat (Org.). *Clássicos em HQ*. São Paulo: Peirópolis, 2013. Disponível em: <www.editorapeiropolis.com.br/2013/12/02/classicos-em-hq>. Acesso em: 20-07-2014.

MARTINIANO, Emilson . *Gênero textual, definições exemplificadas através da história em quadrinhos*. Disponível em: <<http://www.solucaopedagogica.blogspot.com.br/2012/01/2-aula-da-disciplina-generos-textuais.html>>. Acesso em: 09-10-2014.

MARTINS, Silvane Aparecida de Freitas. Livros didáticos *versus* Parâ-

metros Curriculares Nacionais: vozes que se complementam ou se contradizem? In: BERTOLDO, Ernesto Sergio; MUSSALIM, Fernanda (Orgs.). *Análise do discurso: aspectos da discursividade no ensino*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2006.

MONFARDINI, Juliana Costa de Góes; GRAZINOLI, Daniele de Carvalho; FERREIRA, Marlene Nunes. As epistemologias do uso das histórias em quadrinhos na sala de aula: uma abordagem histórica. In: *XVI ENDIPE – Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino*. Campinas: UNICAMP, 2012.

QUEIROZ, Andréa. Adaptações para HQ aproximam jovens de clássicos. [2012]. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<http://www.emdialogo.uff.br/node/3707>>. Acesso em: 20-07-2014.

RAMA, A.; VERGUEIRO, W. (Orgs). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

REIS, Luciana. *Adaptações dos clássicos literários para os quadrinhos*. [2014]. Disponível em: <<http://www.atitudejb.com.br/site/artigos?artigo=ADAPTA%C3%87%C3%95ES+DOS+CL%C3%81SSICOS+LITER%C3%81RIOS+PARA+OS+QUADRINHOS>>. Acesso em: 20-07-2014.

SOUZA, Luciana de Castro. GOMES, Nataniel dos Santos. Uso dos quadrinhos em sala de aula: as adaptações de clássicos da literatura a nossa arte visita os clássicos. *Revista Philologus*, ano 19, n. 55. Rio de Janeiro: CIFEFIL, jan./abr.2013 – Suplemento. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/55supl/056.pdf>>.